

Artigo apresentado no *4th Regional Mediterranean Congress of IAGP in Porto, Portugal from 7th to 10th of September 2011*. International Association of Group Psychotherapy & Group Processes.

CAPACITAÇÃO DE GRUPOS ARTÍSTICOS PARA A CONSTRUÇÃO DE COMUNIDADES RESILIENTES.

Heliana Baía Evelin¹

Aline Costa de Sena²

Geovane Trindade Marques³

Gleudson Alves Pantoja⁴

Juliana Cordeiro Modesto⁵

Resumo: Relato de experiência com grupos artísticos nos bairros Guamá e Terra Firme, em Belém-Pará-Brasil. De modo geral cada grupo artístico é formado por integrantes de uma família e amigos o que resulta em informalidade, mas também como espaço gerador de resiliência. A partir da própria organização dos grupos desenvolve-se ações que possam contribuir para uma consciência teórica nos grupos envolvidos e assegurar participação e criação de novos mecanismos de cooperação mútua. Os bairros Guamá e Terra Firme somam juntos cerca de 230 mil habitantes (IBGE, 2007); são considerados violentos e não aparecem na mídia pela riqueza de suas manifestações culturais. Para a identificação dos grupos faz-se articulação com instituições de cultura do estado e da cidade; visitas *in loco* aos endereços de referência dos grupos; reuniões semanais com as lideranças, mas abertas para outros membros e universitários; aplicação do questionário de escala de resiliência social às lideranças dos grupos; assembleia mensal com convocação para os membros dos grupos. Um dos resultados foi à organização do 1º Encontro de Artistas e Produtores Culturais do Guamá e Terra Firme.

Palavras-chave: Serviço Social; Cultura; Arte; movimentos de cultura popular; lideranças comunitárias; Trabalho de Grupo.

¹ Assistente Social, Dr^a em Serviço Social, Prof^a Associada na Universidade Federal do Pará-Brasil. Coordenadora do Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão “Luamim: peças interventivas na realidade”. hbesoria@ufpa.br

² Acadêmica de Serviço Social. Bolsista de Pesquisa/UFPA. alinee-sena@hotmail.com

³ Assistente Social. gilmarquesufpa@hotmail.com

⁴ Assistente social. Mestrando de Serviço Social/ UFPA. gleudsonpantoja@hotmail.com

⁵ Acadêmica de Serviço Social. Bolsista de Pesquisa/CNPq. lylyanna_18@hotmail.com

Introdução

O projeto *Guamá e Terra Firme: A morada de artistas* é consequência de pesquisas em movimentos de cultura popular do Bairro do Guamá, especialmente em grupos de boi-bumbá, cujos líderes (amos do boi) demonstram conhecimento sobre a situação vivenciada no processo de resistência cultural.

A pesquisa indicou a necessidade de intervenção social para potencializar as práticas artísticas como geradoras de resiliência ante as adversidades vivenciadas na comunidade. No geral os líderes dos grupos não possuem uma ficha de inscrição dos integrantes, com dados como nome, idade, sexo, endereço, telefone; os que têm alguma forma de controle sobre estes dados se restringem ao nome e idade, com a justificativa de que a grande maioria é membro de uma só família e/ou mora na vizinhança.



Figura 1 – Sr. João Fabiano Balera (Mestre Fabico). Mestre da cultura popular, amo do Boi-Bumbá Flor de Todo Ano, com a coordenadora do Programa Luamim em evento na Universidade Federal do Pará. Foto: Alegria Soria, 2009.

Os bairros, que juntos somam uma população de 230 mil habitantes, equivalente a médios municípios brasileiros, não têm espaços multiuso que facilitem os encontros para ensaios e socialização entre as gerações. Os líderes cujos quintais ainda não foram ocupados para construção de moradia de seus descendentes os usam para encontros e ensaios.

No mês de junho os grupos habitualmente são contratados para se apresentarem em pontos turísticos de Belém por instituições como Fundação Trancredo Neves - CENTUR, Fundação Cultural do Município de Belém-

FUMBEL e Secretaria de Estado da Cultura do Pará- SECULT, recebendo cachês, porém, 100% dos entrevistados reclamam na demora em receber o pagamento e por vir com uma série de descontos de impostos. Além dos investimentos do líder e do pagamento dos cachês, os grupos contam com a ajuda de seus integrantes na confecção das roupas, arrecadação de verbas por meio de rifas, bingos e ajuda de amigos.

Dizem que, no momento em que se apresentam ao público, são movidos pelo amor que sentem ao que fazem e pela alegria que contagia os que prestigiam as apresentações. Ponderam que, principalmente os grupos mais antigos, têm reconhecimento em Belém, são respeitados pelo público, porém consideram haver perda de espaço e elencam algumas causas: contrato para se apresentarem em locais pré-estabelecidos destinados a públicos diferenciados que nem sempre demonstram interesse; falta de divulgação na mídia sobre os locais, dias e horários de suas apresentações; falta de apoio do governo; o público que prestigia assim como alguns dos integrantes do próprio grupo desconhecem a história do boi-bumbá; falta de permanência da encenação da comédia, geralmente só apresentam o bailado; existência de grupos nos quais os integrantes sentem vergonha de se caracterizarem como os personagens do auto. O único Amo que considera que a manifestação não está perdendo espaço em Belém confirma também a falta de apoio financeiro e pouca visibilidade na mídia, que quando mostra algo *“ainda se promove em cima do trabalho feito pela comunidade.”* (Oliveira, 2008)

Crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, participam dos grupos, contudo há o registro do afastamento de jovens e idosos. Os idosos estariam se inserindo em grupos de convivência da terceira idade; os jovens estariam se afastando pelos seguintes motivos: envolvimento com drogas e com a criminalidade; falta de apoio à manifestação que proporcione viagens dentro e fora do Estado; vergonha de participarem da manifestação.

Deste modo, o projeto Gestão Cultural para a Construção de Comunidades Resilientes, aprovado pela Pró-Reitoria de Ensino e Graduação da Universidade Federal do Pará no ano de 2010, tem como objetivos: promover a capacitação de lideranças de grupos artísticos dos Bairros do Guamá e Terra Firme para potencializarem a sua ação nos referidos bairros; ampliar as ações do Programa Luamim: peças interventivas na realidade; assegurar o processo de formação dos discentes a partir da relação ensino-pesquisa-extensão; intervir junto à mídia para divulgação da importância das atividades dos grupos de arte popular como diferencial à imagem de violência dos bairros Guamá e Terra Firme; ampliar conhecimentos teórico-metodológicos de Serviço Social no Contexto das Ciências da Cultura; desenvolver ações interdisciplinares, objetivando integrar saberes:

cultura / produção / criação intelectual / ciência.

Guamá é vocábulo indígena que significa *rio que chove*. O bairro é o mais populoso da cidade de Belém e nele estão localizados a Universidade Federal do Pará, a Universidade Federal Rural da Amazônia, a Empresa Brasileira de Agropecuária – EMBRAPA, O Museu Paraense Emílio Goeldi, um dos mais importantes centros de pesquisa do Brasil, condomínios e sedes das Forças Armadas. Terra Firme ganhou esse nome por ser formado por terras firmes e altas próximas a áreas alagadas pelo rio Tucunduba no limite dos bairros de Canudos e Guamá.

Metodologia

Através de visitas no *locus* de funcionamento dos grupos é realizada uma mobilização para que os mesmos possam participar de um ciclo de reuniões quinzenais previstas no projeto com a finalidade de: prestar esclarecimentos sobre a proposta; provocar reflexões sobre a relevância da produção artística dos bairros; pensar em conjunto possibilidades de difundir as manifestações artísticas; estabelecer um permanente contato através do mapeamento dos participantes das reuniões.



Figura 2 – Reunião com a presença de líderes de grupos artísticos, alunos universitários e professora. Foto: Juliana Cordeiro, 2011

A partir da identificação dos líderes dos grupos, são organizados grupos de discussão para o levantamento das demandas de capacitação, a fim de se elaborar um planejamento para a realização de atividades específicas voltadas para essas

demandas. A intenção é trazer à tona possibilidades de avanço para os grupos em suas ações nas comunidades em que estão inseridos. Uma das metas atuais é mobilizar as lideranças e seus grupos para a organização de um evento que culmine no “2º Encontro de Artistas, Produtores Culturais e Lideranças Comunitárias dos Bairros Guamá e Terra Firme”, sujeitos que fazem arte popular nos bairros, destacando a importância da cultura e da arte como instrumento e mecanismo de transformação social, quer no plano individual, quer no coletivo.

A comunidade (des) organizada pensa e desafia a academia

A comunidade (des) organizada pensa e desafia a academia a rever conceitos e vivenciar a prática da superação do Estado mínimo. Nela reside a diferença básica entre trabalhar com/para a comunidade e trabalhar na/a comunidade.

O fundamento do trabalho com/para a comunidade se estabelece de acordo com as características da própria forma de executar determinada ação por ela. que diverge significativamente da segunda, na/a comunidade, posto que nesse caso, quem exerce a tarefa são os agentes externos que passam um determinado tempo desenvolvendo o trabalho e, se despedem acreditando saber o que a população da área de incidência do projeto precisa.



Figura 3 – Atriz Maria Borges (à esquerda) em reunião com as acadêmicas de Serviço Social na sala do Programa Luamim. Foto: Juliana Cordeiro, 2011.

Trabalhar junto à comunidade é tarefa que requer conhecimentos de causa estendidos para além dos encontrados nos sumários e tomos científicos. A

comunidade organiza-se independente de ter ou não uma retaguarda de serviços constitucionalmente previstos. Neste sentido, pode-se dizer que a comunidade é senhora de seu destino e responsável pelos resultados de suas ações, ou seja, não se insere no conhecimento e defesa de uma corrente de pensamento específica; ao contrário ela constrói suas próprias ideias e acaba contribuindo para a reformulação das teorias existentes; não espera o poder público para fazer enfrentamento à realidade que lhe causa descontentamento e desconforto, embora saiba que é desse a principal e legítima responsabilidade enquanto representação coletiva; toma para si toda a responsabilidade em organizar estratégias de resolver os problemas que atingem sua dinâmica cotidiana, assumindo em suas avaliações os descaminhos da gestão que elegeu e defendendo com esperança a possibilidade de melhoria ou reconhecendo a falha na aposta de sua escolha.

No Brasil, que ainda busca afirmar-se democrático e de direitos, é possível encontrar, não raramente, pessoas pobres que consideram sofismáticos muitos discursos que pregam o advento de uma sociedade justa, sobretudo quando tais discursos partem de políticos. Estas pessoas muitas vezes preferem silenciar ou falar entre seus pares. O silêncio pode ser uma afirmação de resistência: *“É um silêncio paradoxal – não é um silêncio que fala, é um silêncio que proíbe que se fale em seu nome. E [...] longe de ser uma forma de alienação, é uma arma absoluta.”* (Baudrillard, 1985)

O Polêmico Tecnobrega

Em 2002 surge em Belém o Tecnobrega, produzido/tocado/dançado predominantemente na periferia urbana por grupos que compartilham um estilo de vida refletido na maneira de se vestirem, de falar, nos gostos musicais e em outras formas de socialização como a Festa de Aparelhagem, que atua como mídia principal para esse ritmo.

O ritmo agrega pulso veloz, recursos da technomusic e manipulação de ritmos utilizando softwares baixados da internet e sintetizadores. Resultante de mais uma fusão de ritmos, também funde ritmos populares como Carimbó, Siriá, Lundu e as Guitarradas. O público consideravelmente grande impressiona, quando levado em consideração o modelo de mercado musical: o informal. Embora o Tecnobrega tenha se firmado pela via da informalidade, bandas, cantores e aparelhagens, vêm conquistando outros públicos – as aparelhagens sonoras apresentavam-se unicamente em espaços das ditas periferias de Belém, hoje já tocam em locais ditos nobres da cidade.

Foram constatadas características do Tecnobrega Paraense durante as pesquisas de campo realizadas para o projeto *Guamá e Terra Firme: a morada de*

artistas, e contribuíram para identificar que é freqüente a reprodução do ritmo através das festas de aparelhagens, nos bares, nas casas e nas ruas, possibilitando identificar as outras características do referido ritmo.

Faz-se necessário compreender que mesmo formas de socialização tão distintas como são as festas de aparelhagens e ritmos como o Tecnobrega merecem atenção na construção do conhecimento científico em nosso país e região. Não se trata apenas de realizar a observação, mas sim de observar, sem preconceitos, a nossa própria cultura em permanente processo de construção.

Resistência e Resiliência

As evidências históricas podem explicar o desenvolvimento das sociedades e a resistência e resiliência dos indivíduos às situações que lhes foram e são postas pela economia e pela política. *“Ao contrário do que alega a historiografia oficial, nunca faltou aqui, até excedeu, o apelo à violência pela classe dominante como arma fundamental da construção da história. O que faltou sempre foi o espaço para os movimentos sociais capazes de promover sua reversão.”* (Ribeiro, 2006).

Apesar do avanço nos estudos da resiliência humana existem, ainda, muitas indagações e controvérsias que precisam ser revistas e discutidas de forma a contribuir para a instrumentalização dos profissionais que trabalham com indivíduos e grupos que vivem em situações de vulnerabilidade social.

Michael Rutter (*apud* Tavares, 2001) relaciona resiliência ao conceito de *resistência ao estresse*. Ou seja, o conceito de resiliência pressupõe a presença de circunstâncias de vida adversas, ante as quais o indivíduo é desafiado ao enfrentamento e busca de respostas para superação que, ao ocorrer, o fortalece para novos embates, considerando que tal superação passa a fazer parte de sua memória histórica, cultural, do processo de seu ciclo de vida.

Em que pese o estudo da resiliência ser embrionário no Serviço Social brasileiro, cabe a investigação desse construto no exercício profissional do assistente social que tem a extraordinária possibilidade de ouvir histórias de vida, de luta e resistência no enfrentamento dos mais diversos problemas nos vários espaços da política social.

Cyrulnik (*apud* Rudnicki, 2007) traduz a resiliência como processo desenvolvido ao longo da vida, implicando na história individual, construída cotidianamente em conjunto com outros seres humanos em contextos afetivos, econômicos, políticos e sócio-culturais. Trata-se de um longo processo, histórico construído e reconstruído por meio de idéias, ações e reflexões inscritas em um contexto específico e compartilhadas de forma coletiva. Neste sentido, a

resiliência refere-se à história individual e seus laços com a história social numa rede de relações e de experiências vividas através das gerações, potencializadoras tanto de crises como de busca de caminhos de enfrentamento, superação e fortalecimento.

Embora a historiografia nacional tenha, de vários modos, tratado de atribuir ao povo brasileiro um caráter capaz de suportar sofrimentos e atribulações sem resistência, toda a história do Brasil registra movimentos sociais importantes, que contaram com a participação de índios, negros e seus descendentes, assim como de brancos descontentes com a situação política e social vigente através dos séculos no país.

Ao contrário de movimentos como a Comuna de Paris que obteve de Marx um registro importante, os movimentos populares no Brasil muito raramente contaram e contam com descrições justas capazes de deixar na imaginação do povo uma representação positiva da resistência e resiliência como construções históricas e exemplares para a posteridade, podendo-se citar Gonçalves Dias que, por meio da poesia, fez o registro do martírio do povo Timbira e Euclides da Cunha que teve, em Canudos, a motivação para a sua bela obra *Os Sertões*.

Os Timbira, que lutaram durante quase 250 anos contra a invasão europeia em seu território, chegaram a formar, no início do século XIX, uma confederação que, no entanto, não conseguiu fazer o seu povo deixar de ser quase todo exterminado. O martírio dos Timbira recebeu do maranhense Gonçalves Dias (1966) um poema do qual se conhece os quatro primeiros cantos; o restante perdeu-se por ocasião do naufrágio em que morreu o poeta em 1864:

As festas e batalhas mal sangradas / Do povo americano, agora extinto, / Hei de cantar na
lira, / Evoco a sombra / Do selvagem guerreiro / Torvo o aspecto, / Severo e quase mudo, a
lentos passos, / Caminha incerto / A marcha triste e os passos mal seguros / De quem, na
terra de seus pais, embalde / Procura asilo, e foge o humano trato.

Ainda estão presentes entre alguns intelectuais as certezas acerca da inferioridade do índio e do negro. Em entrevista à revista *Isto É* (2008), o cientista político Charles Murray diz que a elevada proporção de negros no país reduz o quociente intelectual dos brasileiros. À indagação do jornalista se ele realmente considerava os brancos mais inteligentes do que os negros e, se isto não seria uma posição racista, responde ter sido acusado de racismo por ter mostrado

[...] um indiscutível fato empírico: quando amostras representativas de brancos e negros são submetidas a testes que medem a habilidade cognitiva, os resultados médios são diferentes. Isto não é uma opinião. É um fato, da mesma forma que medidas [...] de

altura mostram um resultado médio diferente entre japoneses e alemães. [...] é uma questão de aritmética. Se em testes o QI é sempre maior com amostras de nórdicos do que com amostras de negros, então um país com uma significativa proporção de negros terá um QI médio inferior ao de um país que consiste exclusivamente de nórdicos. Miscigenação diminui o QI dos brasileiros. (2008)

Chama atenção o registro de ser, na opinião do cientista, *uma questão de aritmética*. Quando a ciência vê o ser humano como uma questão de aritmética ela se torna perigosa. Tem razão o amazônida Thiago de Mello ao poetar que, *de muita ciência precisamos nós, mas é de consciência a nossa precisão maior*.

Resultados

A inserção na comunidade evidenciou a importância do Serviço Social como parte do processo de construção e aquisição dos saberes, à medida que encontra seu lugar no amplo campo de trocas de experiências proporcionado pela organização comunitária na formação da própria história, da história dos grupos sociais e das coletividades. Constatou que, muitas vezes, os movimentos necessitarão ter a sua explicação construída a partir de parâmetros ainda não definidos cientificamente.

A pesquisa participante possibilitou sistematizar bibliografia referente ao assunto, produção de relatórios, estabelecer contatos com lideranças de bois-bumbás, grupos de hip-hop, cordões de pássaros, terreiros de Umbanda e Candomblé, grupos de quadrilhas, grupo de danças regionais. Assim como, a aplicação do questionário avaliativo do grau de resiliência com 13 (treze) representantes de grupos artísticos, no qual constatou-se que 77% possuem um grau máximo de resiliência e 23% um grau médio. Com o resultado da pesquisa conclui-se que a maioria dos artistas que responderam aos questionários possuem a capacidade de enfrentarem as adversidades, superarem e saírem fortalecidos das mesmas.

O questionário avaliativo do grau de resiliência foi elaborado pela ex-bolsista do Programa Luamim Priscila Sarquis, a partir da escala de resiliência desenvolvida por Wagnild & Young, de acordo com Pesce et al. (2004) que é um dos poucos instrumentos usados para medir níveis de adaptação psicossocial positiva em face de eventos de vida. Possui 19 (dezenove) itens descritos de forma positiva com respostas que variam entre não (discordância total – 1 ponto); às vezes (meio termo – 2 pontos) e sim (concordância total – 3 pontos). A somatória total dirá o grau de resiliência da pessoa, uma vez que os dados numéricos vão

variar de 19-57, sendo de 19-33 representativo do grau mínimo de resiliência, de 34-46 é representativo do grau médio de resiliência e de 47-57 representa o grau máximo. O questionário Luamím avaliativo do grau de resiliência acrescenta uma última pergunta sobre direitos e deveres de cidadania, não quantificada, mas que serve para ampliar a análise qualitativa das respostas anteriores.

A realização de reuniões com líderes mapeados propiciou debates sobre temas referentes à realidade dos bairros, contemplando, dentre outros, cultura, arte e educação. Construiu-se uma relação com os grupos através de reuniões nos bairros Guamá e Terra Firme separadamente a fim de facilitar o acesso e mobilização dos mesmos.

Conclusões

A cultura pode ser definida como um conjunto de hábitos, costumes, crenças, linguagens que emanam do pensamento e comportamento de um determinado povo. No Brasil observamos as variadas formas de expressões culturais que têm como canal de comunicação a participação da sociedade na transmissão de conhecimentos oriundos de outras gerações.

O fato da população mais pauperizada ser capaz de, muitas vezes, entregar as suas esperanças a representantes da burguesia não quer significar que não seja capaz de explicar suas posições e objetivos. Há de se estar atento para a organização que se dá para a realização de atividades de lazer, religiosidade, habitação, educação, tratamento de saúde, etc. A busca de participação em determinados grupos pode significar o momento único de se fazer ouvir e ser acreditado.

Constata-se a necessidade de maior publicidade aos grupos artísticos dos bairros Guamá e Terra Firme para o reconhecimento de sua importância como fator de proteção às crianças, adolescentes e jovens nos bairros, considerando que, de modo geral, seus líderes são pessoas adultas ou idosas com alto grau de resiliência demonstrada pela manutenção de tradições advindas de seus antepassados e pela constante busca de qualidade de vida. Outrossim, tem-se identificado queixas de membros dos grupos artísticos acerca de pesquisadores que buscam a comunidade, colhem informações, imagens, histórias de vida, beneficiam-se com os resultados obtidos sem retornarem ao campo pesquisado para prestar esclarecimentos sobre as consequências da pesquisa.

Admitir as potencialidades do ser humano em pensar sobre a sua vida e planejar o seu futuro é um exercício ético que exige do profissional a desconstrução de algumas crenças e conceitos, principalmente, a de considerar o

indivíduo em situação de vulnerabilidade social como subalterno e excluído, homogeneizando a história, desconsiderando as diferenças.

Tem-se a expectativa de poder contribuir para a trajetória de muitas outras comunidades esquecidas pelo poder público no país e no mundo.

Referências

Baudrillard, J. (1985). *A Sombra das Maiorias Silenciosas –o fim do social e o surgimento das massas*. Trad. Suely Bastos, São Paulo: Ed. Brasiliense.

Buarque, C. (2004) *A Questão Social do Século XXI*. Lisboa. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro: Anais

Campelo, M. (2009) *Candomblé no Pará ainda é original*. Entrevista ao jornal Beira do Rio, nº 79, Belém, UFPA, janeiro.

Da Matta, R. (1979) *Carnavais, malandros e heróis – por uma Sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar.

Evelin, H. B.; Ribeiro, J. C.; Rodrigues, L. B. (orgs). *Serviço Social e Resiliência na ótica dos direitos humanos*. Belém: Edufpa, 2007.

Freitas, M. et al. (2003). *Políticas Públicas: juventude em pauta*. São Paulo: Cortez:

Gonçalves Dias, A. (1966). *Antologia*. São Paulo. Melhoramentos.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contagem da População 2007. Tabelas de Resultados. População Recenseada e Estimada.
www.ibge.gov.br/.../contagem2007/defaulttab.shtm. Consulta em 10 de setembro 2010

Martins, P. (2000). *Luamim: Peças Interventivas na Realidade_* (Dissertação de Mestrado). Belém: UFPA- Curso de Mestrado em Serviço Social. Digitada.

Miscigenação diminui o QI dos brasileiros (2008). *Entrevista com Charles Murray*. Revista Isto É, 15 de outubro.

Morin, E. (2005) *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil.

Oliveira, H. (2008) *Relações Intergeracionais e Folclore Brasileiro: O boi-bumbá no bairro do Guamá em Belém do Pará*. Relatório de Pesquisa. PIBIC / CNPq. Belém.

Ribeiro, J. (2006) *Resiliência e Serviço Social na Ótica dos Direitos Humanos*. Belém. UFPA. Trabalho de Conclusão de Curso. Digitado.

Ribeiro, D. (2006) *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. – São Paulo: Companhia das Letras.

Richmond, M.(1950) *Diagnóstico Social*. Lisboa: Instituto Superior de Higiene “Dr. Ricardo Jorge”.

Rudnicki, T. (2007). *Resiliência e o trabalho do psicólogo hospitalar: considerações iniciais*. Rev. SBPH vol.10 nº.2 Rio de Janeiro Dec.

Tavares, J. (org) (2001). *Resiliência e educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez,

Rudnicki, T. (2007). *Resiliência e o trabalho do psicólogo hospitalar: considerações iniciais*. Rev. SBPH vol.10 nº.2 Rio de Janeiro Dec.

Turino, C. (2003-2004). *Uma gestão cultural transformadora*. São Paulo. Edição 71, nov/dez/jan, páginas 73- 77. Centro de Documentação Maurício Grabois.